

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE CENTRO DE EDUCAÇÃO,
FILOSOFIA E TEOLOGIA

HISTÓRIA

JENYFFER CRISTINA DOS SANTOS

MACHADO DE ASSIS: UM RETRATO DO RACISMO NO SÉCULO XIX

São Paulo

2022

JENYFFER CRISTINA DOS SANTOS

MACHADO DE ASSIS: UM RETRATO DO RACISMO NO SÉCULO XIX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História do Centro de Educação, Filosofia e Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito para a obtenção do Título de Licenciada em História.

ORIENTADOR: PROFA. DRA. INGRID HOTTE AMBROGI

São Paulo

2022

“Mantenha o foco. Nunca desvie seus olhos, porque se uma abertura surge, mesmo nosso poder insignificante pode ser suficiente para determinar o destino do mundo. É por isso que todos devem ficar alertas e prontos a agir a qualquer momento”.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e à minha avó, que estiveram sempre ao meu lado durante essa jornada de conhecimento que é a vida, a quem devo tudo que sou. Ao meu marido, quem me deu forças para seguir por essa trilha de conhecimento, a quem sou grata por deixar esse caminho um pouco mais reconfortante. À Profa. A Dra. Ingrid Hotte Ambrogi quem devo enorme gratidão pelo acompanhamento e excelente direcionamento nesse momento de extrema importância, sem sua orientação não teria chegado até o final dessa jornada. A todos os esforços do Instituto Moreira Salles quem cedeu imagens de suma importância para a construção visual dessa narrativa. Aos meus amigos que me apoiaram e me deram forças por conversas incríveis e apoio para o desenvolvimento desse projeto, em especial Celso Ranucci Junior com quem compartilhei diversas dúvidas e inquietações e fui recebida de braços abertos e conselhos incríveis.

“Eu não sou homem que recuse elogios.
Amo-os; eles fazem bem à alma e até ao
corpo. As melhores digestões da minha vida
são as dos jantares em que sou brindado”.
(Machado de Assis, A semana: crônicas,
1892-1893)

RESUMO:

Este trabalho de conclusão de curso parte de uma pesquisa bibliográfica e documental que tem como premissa a discussão da etnia de Machado de Assis, tal como sua origem e caminho até a conquista de seu espaço como escritor famoso e renomado. Considerando a sociedade onde o mesmo viveu e quais obstáculos que precisou superar até atingir o estado de Machado de Assis, entidade nacional a além de seu tempo. Atento às amarras do preconceito, discutindo o nível de enraizamento do racismo imposto desde a colonização do Brasil e como tal memória equivocada etnicamente do escritor é mantida até hoje mesmo que esse assunto não seja uma pauta tão recente no meio acadêmico.

Palavras- chave: Machado de Assis. Mulato. Racismo.

ABSTRACT

This project is based on a bibliographical and documentary research that has as its premise the discussion of Machado de Assis' ethnicity, such as his origin and path to the conquest of his space as a famous and renowned writer. Considering the society where he lived and the obstacles he had to overcome to reach the state of Machado de Assis, a national entity beyond its time. Attentive to the shackles of prejudice, discussing the level of rootedness of racism imposed since the colonization of Brazil and how such an ethnically mistaken memory of the writer is maintained until today even though this subject is not such a recent agenda in the academic environment.

Keywords: Machado de Assis. Mulatto. Racism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1. Autoridades diante do Palácio Guanabara em 1913.	16
FIGURA 2. Avenida Central em construção, atual Avenida Rio Branco, Rio de Janeiro	16
FIGURA 3. Morro da Providência, Campo de Santana e arredores.....	18
FIGURA 4. Capella de Nossa Senhora da Providência na Ladeira do Morro da Providência.....	22
FIGURA 5. Joaquim Maria Machado de Assis em 1884.....	25
FIGURA 6. Joaquim Maria Machado de Assis em 1904.....	26
FIGURA 7. Caricatura de Machado de Assis publicada em 1876 no “O Mosquito”	27
FIGURA 8. Foto clássica de Machado de Assis colorida pela Faculdade Zumbi de Palmares	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 SOCIEDADE NOVECENTISTA DESDE SUA CONSTRUÇÃO	13
2.1 ESTRUTURA SOCIAL DO SÉCULO XIX	14
2.2 COTIDIANO SOCIAL DO SÉCULO XIX	15
2.3 ESTRUTURA DE TRABALHO NO XIX	18
3 VIDA DE MACHADO DE ASSIS DA INFÂNCIA À IDADE ADULTA	21
3.1 ORIGEM DE MACHADO DE ASSIS	21
3.2 COMEÇO DA CARREIRA DE MACHADO DE ASSIS	23
3.3 MACHADO DE ASSIS E ESTIGMA PARA A SOCIAL	24
4 MACHADO DE ASSIS E AS CRÍTICAS SOCIAIS EM SUAS OBRAS	27
4.1 CRÍTICAS DA SOCIEDADE À MACHADO DE ASSIS	27
4.2 MACHADO DE ASSIS E SUAS CRÍTICAS SOCIAIS	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo apresenta o processo de “branqueamento” de personalidades nacionais de renome tendo como alvo Machado de Assis, que por ser um proeminente literato é incorporado à sociedade da época, século XIX, como um homem branco, conceito tão “verdadeiro” que perdurou até o presente. As pesquisas realizadas sobre o percurso de Machado de Assis enaltecem sua produção literária, mas não abordam sua origem relacionada com seus traços étnicos negros.

Será feito um estudo dentre as lacunas que a sociedade brasileira do século XIX apresentava no seu cotidiano em sua mais pura essência temporal a respeito dos povos negros não retintos e ou miscigenados como questionamentos referentes a quais locais sociais esses deviam ocupar. Com um estudo mais delimitado desses conceitos sociais que eram regidos por aquele tempo, irá se entender e mergulhar em como essa minoria não branca se encaixava socialmente, tais como seus desafios acerca da aceitação social e quais eram os artifícios para isso ser atingido com êxito.

Pensar sobre aspectos sociais do século XIX automaticamente nos remete a alguns questionamentos (pré conhecimentos) acerca da época (do tempo) desse estudo.

Os aspectos abordados na maioria dos livros didáticos, tal pensamento fica ainda mais objetivo sobre o termo “negro”, ao se referir as pessoas que de tez escura são marcadas neste contexto, pois desde as séries iniciais do ensino básico esse aspecto é colocado o racismo da época como uma decorrência marca daquele tempo e fruto dos que lá viviam.

Machado de Assis, viveu nesse contexto, conviveu em muitos ambientes retratados em suas obras, tais como Memórias Póstumas de Brás Cubas, aprofunda ponto de vista entre os mundos novecentistas.

Machado teve uma vida marcada por extremos, sua mãe morreu de tuberculose quando ia completar dez anos, o pai se casou com Maria Inês, lavadeira, doceira, cozinheira.

Existem aqueles que dizem que Machado foi vendedor de balas e doces feitos em casa, além de engraxate e coroinha, emprego para moleques da época. Assim,

perambulava pela cidade do Rio de Janeiro. Era considerado um molequinho feio, mulato e sem escolarização além de doente, a epilepsia o acompanhou pela vida, com alguns constrangimentos.

Na adolescência aprendeu francês, idioma que dominava tanto quanto a língua materna, sua educação foi informal através de leituras, que com dificuldade financeira tentava suprir sua sede de conhecimento. Exerceu o cargo de revisor em importantes jornais da época, e sempre fez menção em sua obra das memórias do bairro da Gamboa.

Assim retratou não somente os locais que viveu, fossem favelas ou cortiços, seu dia a dia, e como eram observados no meio social. Nosso objetivo neste artigo trata de uma exposição sobre como as amarras do racismo são transportadas para o presente de forma tão “comum” revelando por documentos que demonstram como a imagem do negro ainda hoje é vista de maneira pejorativa. O objeto principal deste estudo é dialogar e por fatos entender a vida de Machado de Assis de sua infância ao auge de seu sucesso, e quais fatos sociais o levou a ser visto e aceito como uma pessoa de padrão social da elite carioca do século XIX.

Que fique claro que o julgamento comportamental da época não será nosso alvo de estudo, passaremos por essas discussões, mas não se trata desse o nosso tema central e sim em como o conformismo social faz com que debates importantes como a negritude de Machado de Assis. Mesmo que essa discussão não seja recente no cenário acadêmico, é de suma importância falar sobre a ideia de que um marco da literatura brasileira era um homem “não branco”. A premissa de que essa personalidade brasileira, tão importante não se encaixe num padrão europeu gera o negacionismo da existência dos fatos que apontam um homem que é fruto de miscigenação.

Machado de Assis, essa personalidade tão importante para a identidade nacional será explorada neste artigo de um “Espectro” diferente, ao invés de focarmos mais uma vez em aspectos que já sabemos, como sua obra é importante, seus feitos são relevantes para o Brasil e para literatura até hoje, nosso alvo de estudo será de como a influência europeia fez com que esse homem, que segundo evidências tinha

descendência, afro. Ao mesmo passo que tinha genética europeia, por isso foi considerado um homem branco.

Um olhar social analítico que seja profundo o suficiente para apontar o quanto um tempo histórico é forte em mascarar evidências e fazer com que uma verdade, seja tão absoluta a ponto de não ser questionada, mesmo séculos depois. É necessário ir o mais fundo, verificar possíveis provas reais e concretas, para que tais teses sejam comprovadas e somente assim possam ser discutidas com embasamentos e dados.

Podemos afirmar e mostrar, mas como já dito, comprovar para que tal relato possa ser usado a favor da verdade, ou seja, apesar disso a explanação sobre a vida do autor, mas como evidências que demonstram a influência quase ditatorial que os valores europeus tinham no momento da construção de identidade “nacional” no Brasil no século XIX e permanecem ativos ainda hoje.

A partir das bases de pesquisas utilizadas separaremos essa dissertação em três temas centrais; conhecimento social do século XIX, um estudo sobre vida e obra que refletem as características de Machado de Assis e sua identidade social que transita entre a visão europeia em uma sociedade nascida da miscigenação. Deste modo poderemos atingir o entendimento da importância social e histórica dessa quebra ilusória das amarras europeias foram desfeitas e perderam seu poder temporalmente.

2 SOCIEDADE NOVECENTISTA DESDE SUA CONSTRUÇÃO

De modo a argumentar sobre nosso tema central, precisamos inicialmente entender os motivos concretos através dos quais, o racismo transveste negros em brancos, fazendo uma espécie de “*upgrade*” social, ao longo de nossa história vemos como já afirmamos personalidades que deixam de ser considerados negros e passam pelo “branqueamento” que deu origem a uma série de pensamentos que formaram a identidade de uma nação.

Desde o princípio é de suma importância ter em mente que esta reflexão não se trata de desqualificar as influências europeias exercidas durante a construção da identidade do Brasil, afinal, o país tem um grande histórico de acolhimento a imigrantes de diversas partes do mundo e não somente vinda de países europeus ou africanos, como no caso do grande fluxo migratório vindo do Japão começou oficialmente no início do século XX ou até mesmo, da massa imigrante libanesa migrada para essas terras a partir de 1880.

Entretanto, tem-se ciência de que o Brasil já operava como um grande país antes desses fluxos, e essa caminhada era realizada principalmente pelos povos que aqui já estavam e já vieram para ocupação do país esmagadoramente e para diversas finalidades. Os indígenas que aqui já estavam, os portugueses que vieram realizar uma ocupação que até hoje é chamada de colonização e o povo africano que veio para ser escravizado e usado como trabalhadores cuja era ilimitada para quaisquer setores.

Ao passo que se observa o índio cada vez mais apagado nessa construção da nação sendo negado mais ativamente em sua influência da estruturação social — pode-se entender os motivos pelos quais no século XIX essa parcela populacional não contribui desta forma.

Nos fala com exatidão qual era a posição do indígena naquele momento histórico:

[...] Em nossos dias, essas concepções vão sendo desmontadas. No palco da história, os índios vão, lentamente, passando da invisibilidade construída no século XIX para o protagonismo conquistado e restituído nos séculos XX e XXI por movimentos políticos e intelectuais nos quais eles próprios têm tido intensa participação. [...] (ALMEIDA, 2012, p. 2)

Tendo esse cenário de noções acerca do papel do indígena e já conhecendo o papel do povo africano, é possível chegar a conclusão de que a influência eurocêntrica era predominante, mas não somente em suas mais superiores camadas sociais. A base da identidade brasileira no século XIX foi forjada por esse povo de tal forma que não somente ficou marcante naquele tempo, mas até hoje os padrões brasileiros em diversos aspectos são frutos desses fatores culturais ideologicamente preponderantes.

2.1 ESTRUTURA SOCIAL DO SÉCULO XIX

Uma vez entendido o conceito base, pode-se finalmente compreender quais estruturas profundas sofrem de tais influências e de tantos quadros como, por exemplo, a religiosidade. Essa influência que até hoje deixou diversas marcas, incontestáveis sobre como eram considerados indígenas e negros ao longo da história. O encargo do catolicismo na formação da identidade cultural do Brasil pode ser visto, desde a chegada dos religiosos, como os icônicos religiosos, Fr. Manoel da Nóbrega e o P. Anchieta, que para cá vieram catequizar os indígenas até mesmo ditarem seu modo de vida e do funcionamento direto do país, as regras de conduta de bons cidadãos.

Para os “senhores” europeus que para o local migravam já chegavam no Brasil munidos de seus dogmas e estratégias de imposição dos mesmos sobre aqueles que tinham outra fé. Como foi o caso das religiões de matriz africana, que chegaram a tal expurgação de elaborar desses ritos atos proibidos, passíveis de punição tais como quaisquer outros crimes.

Naquele momento histórico a religião não se tratava apenas de “fé”, mas grande parte do ato religioso estava ligado ao status social do cidadão, isso se aplicava para mais de uma fase da vida.

Começando desde que eram meninos ou meninas doutrinados em princípios de conduta rigorosos, tanto brancos como não brancos.

[...] Freyre retrata a presença intensa da religião em todas as fases da vida: os meninos que eram estimulados a serem coroinhas nas missas de domingo, das meninas que eram enviadas aos 14, 15 anos de idade para o estudo em internatos religiosos, das sinhás que devotamente conservavam em seus lares belos oratórios, da tradição de se construir e bem conservar

uma capela em todo engenho, do cuidado dispensado nas cerimônias de sepultamento dos mortos.[...] (FREYRE, 2013, p. 11)

Esses aspectos perduram através dos tempos e pode-se já no século XIX observar que questões como, parcela de população considerada educada também tinham quantidades gritantes em relação aos não educados — esses eram classificados os nativos brasileiros-, sendo possível apontar que um punhado de homens junto a uma pequena quantidade de mulheres tinham acesso à chamada “**Europa de John Stuart Mill**” onde a vestimenta tradicional baseada em saias rodadas e os meios de transportes do estilo “inglês **Sir Charles Lyell**, de **George Sand**” que consistiam em carruagens de quatro rodas, presentes em algumas cidades.

2.2 COTIDIANO SOCIAL DO SÉCULO XIX

Esses hábitos são compreendidos como totalmente normais para a época, porém, trata-se de uma dedução lógica entender que vestidos enormes com saias rodadas não eram as vestimentas mais adequadas para os ares tropicais como o de grande parte do Brasil. Tal como para os homens que usavam uma vestimenta muitas vezes munidas até mesmo de cartolas e chapéus diversos, não eram peças adequadas para o clima do país em que estavam, mas ainda assim, era inconcebível a ideia de uma vestimenta que não fosse usada também na Europa para significar qual o lugar social se ocupava.



FIGURA 1. Autoridades diante do Palácio Guanabara em 1913. Malta, Augusto.

Fonte: Coleção Instituto Moreira Salles.

Esse estilo de vida estrangeiro tem outro viés mais perverso, utilizavam a mão de obra escrava, comum para o período histórico, os — negros eram objetos, ao seu dispor, e muitas vezes se tornavam grandes artífices presentes em oficinas das mais variadas manufaturas—.

O alcance para se enquadrar nesses parâmetros europeus era tão forte que os próprios nativos europeus se assustavam:

[...] Madame Ida Pfeiffer ficou surpreendida ao encontrar em ateliês do Rio de Janeiro. “negros os mais distintos ocupados em confeccionar roupas, sapatos, artigos de tapeçaria, bordados em ouro e prata.[...] (FREYRE, 2013, p. 61)

Todo o estilo de vida dos novos brasileiros era, na verdade, uma cópia do modo europeu de viver, fosse dentro ou fora de casa. As moradias, por exemplo, o estilo arquitetônico dos quais eram formadas não somente as casas residenciais, mas

também os prédios públicos exibiam estilos originalmente “coloniais” tipicamente portugueses, posteriormente substituídos pela estética da *Belle Époque* francesa, nos centros das cidades, como cartões postais, que temporalmente se tornaram marca registradas nas cidades tropicais civilizadas.



FIGURA 2. Pode-se observar a avenida Central em construção, atual Avenida Rio Branco, Rio de Janeiro e o morro do Castelo, demolido, definitivamente, em 1922.

Fonte: Coleção Instituto Moreira Salles.

No entanto, as influências mais difundidas no país estavam ligadas com nossos colonizadores diretos, ou seja, a especificidades desses imóveis eram inspirados nos modelos de arquitetura português. Não ter sofrido influências expressivas dos estilos neo-vitoriano ou gótico são outros exemplos.

As casas residências seguiam a mesma linha de crescimento desenfreado de construções que o próprio Rio de Janeiro do século XIX apresentava, desde que pode-se entender como o conceito de residência brasileira, lá estava a mão europeia construindo o padrão de moradia familiar rico, porém, em 1865 um novo modo de morada começou a dar sinais de sua aparição, sendo tão descomunal quanto sua necessidade de surgimento.

Populações mais carentes começaram a se alocar em moradias populares, que marcavam os espaços urbanos, que tinham ou não um dono a qual se reportar. Esses espaços assim como os cortiços eram precários, porém, ainda mais insalubres e advindo de todo esse conjunto social de necessidade habitacional em sua maioria pobre e negra, nasceram as chamadas favelas:

[...] Isso porque a definição oficial inclui a conotação de adensamento, ilegalidade, pobreza, insalubridade e desordem. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esse tipo de habitação encontra-se assim definido: “aglomerado subnormal (favelas e similares) é um conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais, ocupando ou tendo ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou não), dispostas de forma desordenada e densa, carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais”. Sem entrarmos no mérito da definição, por si só problemática, já na última década do século XIX, em 1897, surgiram as favelas nos morros da Providência e de Santo Antônio, na área central da cidade. [...] (FERREIRA, 2009)

É dito que até mesmo a urbanização é munida de viés separatista regido pela elite, e no cenário noventista isso não diferiria, pois, de muitas maneiras a urbanização do Rio de Janeiro era primeiro mais um modo de divisão social e de territórios trabalhistas. [...] (LOJKINE, 1981, p.143 - 144)



FIGURA 3. Pode-se observar o Morro da Providência, campo de Santana e arredores. Malta, Augusto.

Fonte: Coleção Gilberto Ferrez.

Com os passatempos também não poderia diferir, desde livros famosos onde em sua maioria eram em línguas como francês ou italiano a esportes tipicamente trazidos de outros países eram os que mais realizavam sucesso entre aqueles que praticavam e assistiam. Assim como aconteceu na Índia, com o *críquete* — esporte tipicamente inglês levado pelos mesmos ao país — no Brasil não diferiu, o *turfe* — que se baseia em corrida de cavalos — era a atividade física preferida da alta sociedade, assim como tantos outros aspectos do lazer...

[...] Eram nos ingleses e nos franceses que principalmente se inspiravam os brasileiros mais sofisticados da época não só para a sua convivência elegante – o chá à inglesa era então no Brasil uma instituição já brasileira – para suas modas de senhora – várias as modistas francesas no Rio de Janeiro e no Recife – para seus esportes mais nobres – o turf à inglesa foi no Segundo Reinado o esporte por excelência dos fidalgos de Pedro II, tendo sido famosas nos meados do século XIX as corridas de cavalos – como para suas leituras literárias e políticas...[...]. (FREYRE, 2013, p. 50)

2.3 ESTRUTURA DE TRABALHO NO XIX

Ao sistema trabalhista que vigorava naquele momento, tem-se os já citados “pré-conceitos”, aqueles conhecimentos populares sobre a escravidão do povo negro e tudo que vem junto a esse conhecimento superficial sobre o tema, a ciência de que esses termos escravistas iam de mais a mais. É entendível que no século

XIX tinha seu sistema econômico trabalhista baseado em senhores de terras e escravocratas — e escravos.

No mais a realidade hegemônica seguia a mesma, onde expressado por diversos autores — como no caso do de Gilberto Freyre — o Brasil de meados de 1880 era considerado uma terra sem povo — no sentido estrito do termo ao que se refere do povo tipicamente brasileiro-, visto que nesse momento histórico era estimado que grande parte dos domínios do país não estivessem nas mãos dos brasileiros. Todavia, mesmo com essa realidade da época, houve mudanças expressivas nos meios de produção.

A mecanização é um enorme movimento trabalhista que o país sofreu e deste modo certas estruturas sociais foram mudadas e a partir daí não somente para escravidão os negros, lugares como carpinteiros, marceneiros, e principalmente operários:

[...] Note -se, porém, que numerosos negros livres e mulatos eram, também, já utilizados nas novas indústrias nacionais. Fletcher viu, numa fábrica de tecidos de algodão, em Valença, na Bahia, “todo o trabalho de estamparia e acabamento executado por negros”. [...] (FREYRE, 2013, p. 60)

A compreensão que o modo de trabalho mudou, mas não aquele que detinha o poder é vital para se chegar a ciência que assim como aqueles que empregavam e geriam a economia eram os mesmos que comandam o meio economia, devido a todo esse caminho de poder a citação de que esses senhores faziam não somente parte da política, mas tinham esse privilégio decerto “dispensável”. As estruturas políticas eram compostas por aqueles que já tinham acesso ao poder.

O senado do Marquês de Itanhaém que Machado de Assis descreve — devido ao seu conhecimento adquirido em 1860 — mostra o local em que negócios eram discutidos com um elevado embasamento. De certo franceses e ingleses, assim como em diversos outros aspectos influenciavam os homens sofisticados nesses mesmos debates. [...] (FREYRE, 2013, p. 49-51)

Diante todas essas evidências e relatos é mais que certo dizer que o Brasil do século XIX era um retrato copiado dos modelos europeus, muito bem pintado por aqueles que o compunham. Mesmo em outro continente essas influências eram tão fortes que era como encontrar um pedacinho europeu na América do Sul. Essa autoridade era tão marcante que na maior parte dos aspectos sociais brasileiros não é possível ver o Brasil.

Em sociedade esses retratos eram gritantes e suas “categorias sociais” muito bem dadas, porém, a qual ponto essas mesmas estruturas eram levadas ao limite cegamente? Trata-se de uma pergunta um tanto quanto peculiar, afinal dados provam que a sociedade era extremamente segregada e impunha uma linha divisória, mas como essa mesma sociedade lidava com uma ruptura de sua normalidade, visto que esses mesmos dados mostram que um dos maiores escritores do Brasil não era branco.

3 VIDA DE MACHADO DE ASSIS DA INFÂNCIA À IDADE ADULTA

Como já dito, as populações em situação de pobreza eram em sua esmagadora maioria negra e isso faz com que certos aspectos da vida de Machado de Assis sejam revistos e considerados. Desde o início de sua vida fatos pequenos nos apresentam a comprovação de sua etnia não branca.

3.1 ORIGEM DE MACHADO DE ASSIS

Ao analisar seu registro de batismo que veio a público em 1939 o indicativo de que Joaquim Maria Machado era miscigenado ficou confirmado. Segundo relato do livro de número 8, estando na folha 167 na documentação da paróquia Santa Rita, diz:

[...] Aos treze dias do mês de Novembro de mil oitocentos e trinta e nove annos da Capella da Senhora do Livramento filial a esta Matriz com Provizão do Illustrissimo e Reverendissimo Monsenhor, e Vigário Capitular Narcizo da Silva Nepomuceno, e minha licença o Reverendo Narcizo José de Moraes Marques baptizou, e pos os Santos Oleos a Joaquim, innocente filho legítimo de Francisco Jozé de Assis, e Maria Leopoldina Machado de Assis, elle natural desta Côrte, e Ella da ilha do Faial, digo, Ella da Ilha de São Miguel: forão padrinhos o Excelletissimo Viador Mendonça Joaquim Alberto de Souza da Silveira, e Dona Maria Jozé de Mendonça Barrozo ,nasceo aos vinte e hum de junho do presente anno: de que fiz esse assento. O Vigr.º Jozé Francisco da Silva Cardoso. [...](COSTA; FRANCO,1981 p. 46)

Já aqui nota-se as origens maternas e paternas, com a mãe sendo portuguesa a miscigenação teria sido feita pelo pai, ou seja, os traços e características negroides que Machado carregava teria herdado dele, porém, não é decerto afirmar a etnia de alguém baseada somente em deduções, mas sim com fatos.

Portanto, com a localização da capela pode-se entender a qual parte da cidade a mesma pertencia. Assim como o nome indica essa que essa capela estava ligada da Nossa Senhora do Livramento, assim como uma das primeiras favelas, fato esse exposto nesta dissertação.

Menções sobre as obras de uma capela feita em homenagem à Nossa Senhora do Livramento erguida por volta de 1670, com sua localização sendo da Ladeira do Barroso no Morro da Providência, tem a datação de 1902. [...] (FARIA, 2015, p. 4)



FIGURA 4. Pode-se observar a capella de Nossa Senhora da Providência na Ladeira do Morro da Providência. Malta, Augusto.

Fonte: Biblioteca Nacional (Brasil).

Por mais, Machado de Assis teve suas origens pobres e desde o nascimento já pode-se apontar sua classe social tal como sua etnia devido há indícios que apontam a quantidade numerosa de afrodescendentes que residiam no local em que ele nasceu.

[...] Pardo, magro, franzino. Filho de um mulato, pintor de paredes, Francisco José de Assis e de uma senhora portuguesa, lavadeira, Maria Leopoldina Machado de Assis, aquele que seria o principal escritor brasileiro nasceu numa casa pobre na rua do Nova Livramento [...] (CAMPEDELLI, 1995, p. 8)

Seus pais residiam no local de seu nascimento, tendo como aqueles destinados aos mais pobres dos cidadãos. Isso fez com que o pequeno menino tivesse uma puerícia miserável, de moleque de morro, fazendo com que buscasse trabalho destinados a garotos de sua faixa de idade, como o de vendedor ambulante.

Todavia, o trabalho não lhe ocupava grande parte do dia, afinal exercia essa função somente enquanto estava no descanso de suas aulas, visto que sua disciplina de estudante era rígida e controlada por sua madrasta, Maria Inês. Mulata sem filhos com quem seu pai casou após a morte de sua mãe e irmã.

Maria enquanto não somente lhe alfabetizou como se afeioou deveras pelo garoto, fazendo-o ingressar num colégio regido por senhoras, e mesmo não tendo o recurso

financeiro para tal, Machado pode seguir com os estudos dado que sua madrasta era cozinheira do local. Entretanto, não somente por isso permaneceu, afinal Machado era um aluno exemplar e sempre interessado em leitura.

3.2 COMEÇO DA CARREIRA DE MACHADO DE ASSIS

Em dado momento de sua juventude mudou-se com sua madrasta para São Cristóvão, área pouco mais nobre da qual vinha. O local era de certo mais elitizado, e com isso locais mais “sofisticados” a qual se frequentar. Isso fez com que Machado se tornasse uma figura célebre de uma das padarias do bairro.

Essas visitas foram mais que proveitosas para o jovem Machado, pois a dona do estabelecimento a qual tinha apreço era uma senhora francesa, que ao notar sua “sede de conhecimento” e interesse pela língua, lhe ensinou o que seria sua segunda língua e diferencial dentre as rodas de conversa com aquelas a qual ele desejava pertencer.

Ainda muito jovem, com seus dezesseis anos tem-se registro de uma de suas primeiras publicações oficialmente. Por muitos criticado anos depois como sendo ainda um poema qual não merecia levar o nome do autor que o escreveu, o poema batizado de “**ELA**” saiu em 1855 no jornal de “moda e variedades”, porém, até chegar a tal ato, Machado teve que percorrer um longo caminho, incluindo a pública do também poema “**A Palmeira**” no Periódico dos Pobres em 1854.

Anos antes frequentou a gráfica de Paula Brito, onde era impresso o jornaleco “**Marmota Fluminense**” esse local costumava a ser frequentado por intelectuais que formavam um círculo muito proveitoso e o jovem Machado de Assis não deixou tal oportunidade lhe escapar, pois, elaborou os contatos que pode enquanto ainda era aprendiz de tipógrafo.

Três anos após isso Machado foi contratado por Paula, sua atuação agora estava voltada como caixeiro e como revisor, deixando de ser um aprendiz da tipografia aos 19 anos. Nessa mesma época 1858, ele atuava em diversos outros jornais de forma simultânea, estes esforços renderam-lhe um convite de Quintino Bocaiúva para ser publicado nas gazetas “Semana Ilustrada” e “Diário do Rio de Janeiro”.

Tais contatos efetuados no passado, assim como amizades duradouras que sempre o faziam visitar o jornaleco por muitos anos mais, lhe rendendo também um lugar cativo no estudo da mentira “**Sociedade Patológica**” do qual outros grandes nomes da literatura faziam parte, como José de Alencar, além de Manuel Antônio de Almeida. Esse foi o precedente do sucesso de Machado de Assis.

É correto afirmar-se que Machado de Assis não era branco, porém, não é correto afirmar que ele se tratava de um homem negro retinto, por isso as evidências, assim como suas características apontam para Machado como um homem mulato miscigenado, sendo atualmente denominado como “pardo”, ora não se trata de uma pele branca, nem de uma pele retinta.

3.3 MACHADO DE ASSIS E ESTIGMA PARA A SOCIAL

Apesar disso, o pensamento de como tal apresentação por parte do próprio Machado de Assis era feito é deveras importante, afinal não somente em sua vida profissional sua etnia foi posta como um empecilho. Por mais que em 1967 os louros de seu sucesso estivessem no início, tal renome não lhe impediu de sentir a mão racista da época.

Machado de Assis conheceu sua amada D. Carolina Xavier de Novais no momento em que a mesma pisou em solo brasileiro. Vinda de Portugal e já na casa dos trinta, Machado julgou que por D.Carolina não ter nenhum compromisso amoroso e com apoio de seu irmão, seria simples casar com sua amada, porém, ele não poderia estar mais enganado, pois, Machado era mulato e ela de uma pele branca alvíssima. [...] (CAMPEDELLI, 1995, p. 10)

Mais uma vez se conduziu notoriamente o fato da etnia não branca na vida de Machado, todavia, uma interrogativa a ser feita é. Quais fatores levaram o mesmo a tal status elevado mesmo não sendo legitimamente branco, dado que até o momento discorreremos sobre seus sucessos.

O vender-se de Machado de Assis girou em torno de esconder suas origens étnicas, visto que sua aparência junto a seu conhecimento era tudo que possuía para alcançar a grandeza a qual estava destinado. O fato de apresentar-se como mulato não era decerto a estratégia mais benéfica para ser aceito no meio social branco a qual ele estava se inserindo com o fim de permanecer.

Tal como sua mudança do morro em que nascera, para um bairro pouco mais nobre, Machado levou tais conceitos de mudança de status social realmente a sério, fazendo de si uma própria personalidade vendida como branca, afinal tal mulato miscigenado o mesmo estava no “meio do caminho racial”.

Implantar socialmente a ideia de que suas origens eram mais europeias do que africanas, foi um tanto quanto mais simples quando o mesmo começou a se montar consoante o que o meio social estava pedindo, ou seja, todo aquele estilo europeu esmagador da época foi não somente comprado por Machado como exibido por ele como se fosse propriamente parte dele local.

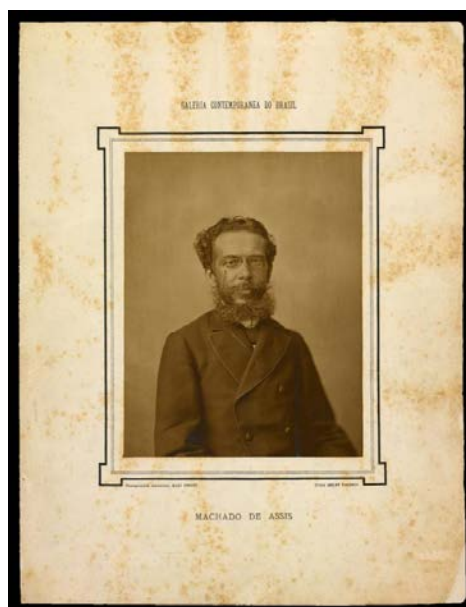


FIGURA 5. Pode-se observar Joaquim Maria Machado de Assis ainda em sua juventude em 1884.

Fonte: Biblioteca Nacional (Brasil).

Com o caminhar dos anos Machado de Assis tentava apenas se enquadrar, porém, com o tempo isso foi ainda mais presente até se tornar quem era, ao contrário de outro também enorme no seu meio, Lima Barreto que seguia uma postura totalmente ao avesso da que Machado exercia:

[...] Machado soube ser drástico, eliminou dentro de si todas as recordações de berço ou de escola, dedicou toda a sua vida e toda a sua obra a criar um branco vitorioso dentro do mulatinho gago do morro do Livramento; não arrancou a si a pele parda porque não pôde e houvesse naquela época esticador de cabelo, teria mandado alisar o seu [...]. Já com Lima Barreto, o caso foi muito outro. Ele queria se impor como negro, como mulato; e não “apesar” de mulato. [...] (GUIMARÃES; LEBENSZTAYN, 2019 p. 177 - 202

Não muito dificilmente vêm-se retratos de Machado de Assis onde pode-se notar sua aparência mais madura indicando claros sinais de sua idade avançada. Nessas imagens tem-se um Machado aparentado como qualquer outro membro da elite, vestes elegantes e camuflagem em seus traços negroides, deixando sua etnia totalmente para trás e vivendo inteiramente o estilo europeu de vida brasileiro branco.

[...] Suprimiu a velha cabeleira ondulada: o cabelo é cortado baixo, e vai começando a encanecer-se; a barba e o bigode, já brancos, não são ralos e crespos como outrora, mas, compactos e lisos, cobrem os lábios e o queixo, escondendo a boca de traços grossos, disfarçando a projeção excessiva do mento [...] torna-se fino, polido, claro; estira e branqueia a pele, atenua os lábios grossos, os cabelos crespos, o prognatismo. Todas as influências que estavam na raiz da sua vida — a cor, a pobreza, a feiura — todas elas ele a domina, recalca e vence. [...] (GUIMARÃES; LEBENSZTAYN, 2019 p. 249-265)

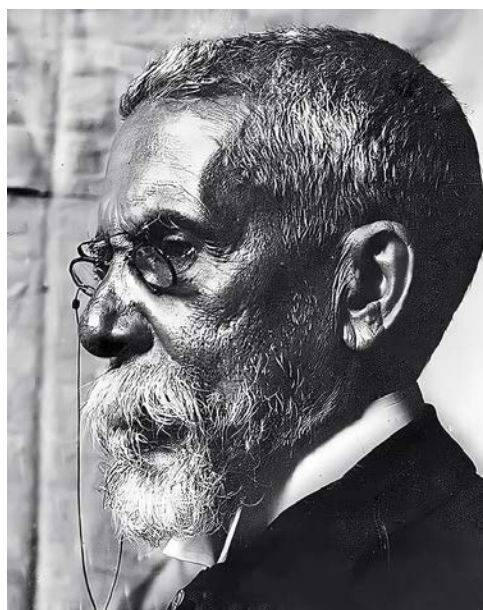


FIGURA 6. Pode-se observar Joaquim Maria Machado de Assis com idade avançada, onde já estava consolidado como grande renome em 1904.

Fonte: Arquivo Nacional (Brasil).

4 MACHADO DE ASSIS E AS CRÍTICAS SOCIAIS EM SUAS OBRAS

Contudo, se conduz necessária a análise controversia acerca da situação de inserção social no século XIX, pois é certo que Machado de Assis usou de estratégias onde ou o seu alto embranquecimento para sua inserção, ao passo que ia se tornando parte desse meio, mais a sociedade assumia essa nova etnia branca que lhe estava sendo atribuída.

Assim como já dito, Machado destacou-se nesse aspecto estratégico assumindo posturas que Lima Barreto não sumiu, por exemplo, isso em momento nenhum lhe fez errado, isso o tornou exatamente o que a sociedade pedia, o sentimento concreto de branco europeu e sua soberania.

4.1 CRÍTICAS DA SOCIEDADE À MACHADO DE ASSIS

Mesmo com esse senso de branquitude aceitável a própria sociedade nunca deixou de vê-lo pelos “mais conversadores” como negro. Ainda que em fotos propriamente tiradas, Machado seja colocado em posições que não favorecem seus traços negroides, em uma caricatura do mesmo pode ser vista e nela diversos aspectos notórios.



FIGURA 7. Caricatura de Machado de Assis publicada em 1876 no “O Mosquito”. A arte faz alusão ao autor esculpindo o busto de “Helena” publicado num folhetim pelo jornal “O Globo”.

Fonte: Arquivo Nacional (Brasil).

Entretanto, o autor sempre compreendeu como funcionava o meio que já estava inserido quando alcançou sua fama e renome, e o uso de sua imagem foi realizado com maestria junto a seu talento arrebatador, fazendo com que andasse conforme a carruagem social ditava, porém, sem perder seus princípios.

Vejam, é evidente todas as questões ditas aqui, mas também é de extrema valia o olhar analítico com o todo, não descartando jamais que suas marcas de protestos gritavam não em sua aparência, mas sim em sua arte. Dentro daquele local onde era soberano, Machado usou toda sua voz intelectual para criticar essa mesma sociedade que ele precisou fazer parte.

Um ponto a se refletir é como os acontecimentos relevantes na vida do contexto nacional do final do século acabaram se refletindo em sua obra. Não somente adentrando e se estabelecendo no gênero do realismo que teve seu **“Início Oficial”** em 1881 com a publicação de sua obra **“Memórias Póstumas de Brás Cubas”**.

Machado usou desse novo modelo para evidenciar pontos falhos e conduzir de forma não tão sutil suas diversas críticas sociais. Com isso se viu abandonando de vez a ideologia romântica, por ser alicerçada em valores exclusivamente burgueses. Essa ruptura de certo não pode ser descrita como uma grande surpresa, Machado de Assis desde o início de sua carreira ele se conduz mais incisivo do que os demais românticos.

4.2 MACHADO DE ASSIS E SUAS CRÍTICAS SOCIAIS

Assim usando “seu” novo estilo e dando ênfase à influência que a sociedade exerce na formação da personagem como indivíduo, deste modo elaborando denúncias sérias e explícitas, desde os oportunismos de poderio, as hipocrisias de uma sociedade que vivia de aparências, tornando-se um estilo de escrita, o jeito “Machadiano”.

Essas mesmas personagens vieram em críticas que buscavam sempre perpetuar o que estava por trás das relações e coligações sociais, onde por diversas vezes os atos implícitos vinham carregados das verdadeiras intenções das personagens, ou seja, repletas de egoísmo e atitudes mesquinhas compondo sua essência.

Não somente protestos raciais se via dentro de suas obras, em diversos pontos sua escrita foi marcada por personagens femininas onde se notava a ruptura da visão noventista sobre a mulher. Suas mulheres literárias até hoje são consideradas dominadoras e fascinantes. Derrubando à imagem frágil da mulher romântica, pois são astuciosas e abertamente sensuais, deixando em torno de si a ambiguidade de seus atos.

Capitu, seu maior símbolo, expressa exatamente o que Machado deseja passar com a premissa do poder da mulher. Em diversos momentos de Dom Casmurro os olhos do personagem são descritos como possuidores de uma força capaz de arrastar um homem, tal como um fenômeno natural que conseguisse tragar a tudo e todos à sua volta. [...] (MACHADO, 1899, p. 36 - 121)

Essas imagens simbolizam perfeitamente a força irresistível da mulher que há na personagem, cuja paixão pode ter “tragado” os dois homens à sua volta, Escobar e Bentinho. O primeiro por razões desconhecidas; o segundo pelo comprometimento da infância ou até mesmo pela possibilidade de ascensão social.

Tais características conseguem afirmar que Machado é tão bom contista, quanto era romancista, afinal seus contos foram se tornando cada vez mais densos e intrigantes. Seus romances procuram mostrar a “alma humana” recriando fidedignamente a realidade ambientada na sociedade carioca do final do século.

[...] Este fez o enterro da mãe e pagou o luto da filha e do pai. O Sr. Antunes, que não era de extremas filosofias, tinha a convicção de que debaixo do sol, nem tudo são vaidades, como quer o Eclesiastes, nem tudo perfeições, como opina o doutor Pangloss; entendia que há larga ponderação de males e bens, e que a arte de viver consiste em tirar o maior bem do maior mal. Morta a mulher, alcançou do desembargador um enxoval completo para fazer entrar a filha num colégio, visto que até então nada aprendera, e já agora não podia deixá-la sozinha em casa. [...] (MACHADO , 1878 p. 14 - 15)

Com esse trecho de Iaiá Garcia, exemplifica e deixa explícita a visão pessimista que Machado de Assis tem do ser humano, baseado em seu meio para escrever e usando seus personagens como crítica é notável como Antunes é reflexo dessa sociedade de final de século que o autor tanto critica.

O personagem mostra de forma nítida seu lado mesquinho e interesseiro ao se aproveitar da morte da esposa para obter ajuda financeira do desembargador na educação de Estela, sua filha. Não deixando de fazer alusão a como as mulheres eram tratadas, ou seja, Estela foi um estorvo que precisava ser resolvido.

O Humanismo também está presente nas obras de Machado de Assis, em Quincas Borba essa filosofia é explicitamente exposta e novamente o autor se aprofunda nas relações humanas acerca do tema, pois o personagem Quincas Borba traz razões em sua teoria.

[...] O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. [...]
(MACHADO , 1891 p. 6)

Rubião é o exemplo concreto dessa confirmação teórica. Herdeiro dos bens do filósofo, é explorado e abandonado por Palha e Sofia e acaba morrendo louco e miserável, acompanhado apenas pelo cão fiel.

Exemplos de como as personagens de Machado eram um reflexo da sociedade noventista não são escassos, tal como suas críticas dentro dessas obras que até hoje são bem aceites socialmente, e isso faz-se uma questão nascer. Por quais razões, mesmo com todos esses indicativos de insucesso Machado de Assis ainda sim, foi um fenômeno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O funcionamento social do século XIX, tal como as normas que ditavam os meios sociais, pode-se compreender os motivos pela aceitação de Machado nesse meio naturalmente, mesmo sendo considerado predominantemente “anti natural”.

A soberba segundo próprio Machado em seus textos é o principal elemento que compunham a alta sociedade, e esse estilo de vida foi considerado pelo próprio autor e sua madrasta, essa que foi um grande catalisador para seu sucesso desde o momento de sua juventude e formação de sua personalidade.

Atos “simples” desde mudar-se de um lugar considerável insalubre para um bairro carioca com **estado** pouco mais elevado, à sua bolsa de estudos na educação primária, que levou o molequinho mulato a ter a chance de trabalhar num estabelecimento que recebia a clientela a qual ele queria fazer parte.

Nenhuma oportunidade era perdida, aprendeu francês quando teve chance e ingressou no meio jornalístico com a oportunidade que surgiu, dali se concretizou crescente munindo seu talento, e seu senso de branquitude coletivo, pois desde o momento em que começou a se inserir era visto como mais branco do que negro.

Os indicativos históricos não apontam Machado de Assis como um homem negro retinto, mas esse caminho leva-se a crer em sua cor de pele mulata, sendo “claro de mais” para estar em meio aos negros, mas devido a sua inteligência elevado e seu talento avassalador não era considerado escuro para ser branco.

O modo como seus textos foram abraçados pela sociedade leva-se a crer que foram publicações de um homem branco vindo de família influente, mas o que fazer quando um fenômeno natural e estrondoso pertence a um homem mulato que se não tivesse servindo a burguesia tão bem com seu talento não seria aceite de forma tão “singela”.

A receita foi composta baseada em negação, ou seja, desde se iniciava seu sucesso Joaquim Maria Machado de Assis era um homem branco, que pouco se notava sua origem africana, origem essa sendo escondida por trás de cabelos alisados e falta de menção social sobre o passado do autor.

Evidentemente pode-se notar que o próprio concordava com o rumo de toda essa situação, dado ser vantajoso para si que os rumos da mesma fossem em direção ao seu benefício, profissional ou pessoal, quando esses mesmos artifícios foram usados para a conquista de D. Carolina, aquela que foi sua esposa.

Mesmo estando cada vez mais pertencentes dessa sociedade e sendo aceito por quem era, essas mesmas características eram revisitadas, fosse em suas relações pessoais, ao conquistar a família de D. Carolina, ou em caricaturas deles, mesmo que de certa forma estavam divulgando sua arte.

No cenário de total pertencimento Machado pode notar quais eram os pontos negativos desse estilo de vida elitista do século XIX. Sim, já havia presenciado situações burguesas ao longo da vida, mas nunca fazendo parte da mesma. Esses pontos, foram analisados com riqueza de detalhes e passados para suas personagens com maestria e de um modo de que se tornou atemporal.

Suas obras eram compostas por críticas geralmente ao estilo de vida da elite noventista, dentro de seus textos é possível notar especificações aprofundadas dos cenários, vestimentas, convívio social e aquele que foi seu grande diferencial, o modo de agir do homem, com todos os seus malefícios.

Não é anormal encontrar textos que expõem suas opiniões sobre o homem de seu tempo, tal como agia tanto com seus iguais, quanto com as minorias que tanto desprezava. Machado elaborou questões presentes em seus textos que revelam o quão fútil eram as elites burguesas, tal como agarres a hipocrisias e mesquinhas.

Todavia essas críticas e explicitações vieram em seus livros apenas quando já era um autor renomado e consolidado, estando em níveis sociais altos o bastante para poder expressar tudo aquilo que via e criticava, ao contrário de seu início de carreira onde apenas o romance singelo e puro eram seus aliados, claro que Machado nunca deixou de ser Machado, mas no começo, assim como sua aparência precisou se moldar ao público, o que era escrito, também.

Essa enorme aceitação veio também do modo como Machado de Assis impunha perfeitamente aquilo no que ele acreditava. Um enorme exemplo foi o novo estilo literário a qual pegou todos de surpresa e foi um sucesso avassalador, tal como o livro que o precedeu, sendo até hoje *Memórias Póstumas de Brás Cubas* uma leitura de obrigatoriedade para o estudo da literatura nacional.

Machado era um homem a frente de seu tempo e disso não restam dúvidas ou margem para questionamentos. O papel dado a mulher dentro de suas obras relatam piamente como eram tratadas as mulheres noventistas e aquele que pode-se dizer ser a mais “marcante” de todas as suas personagens femininas, até hoje é considerado um símbolo.

Capitu escancara o quanto a fama do autor lhe deu força, descrevendo uma mulher forte e se priorizava, a personagem era tudo que as mulheres de seu tempo não poderiam ser tão abertamente. Provocante, explícita em suas vontades, ardilosa e primeiro, livre.

De certa forma, as obras de Machado de Assis se tornaram clássicos da literatura brasileira. Hoje não se fala de aceitar Machado, temos por Machado de Assis um ícone de seu tempo, prestigiado e consagrado como parte de uma época e criação de tantas outras literárias.

Sua aceitação veio de seu avassalador talento, não era possível ter tal brilhantismo daquele que se era desprezado, um homem de tal talento só poderia ter nascido branco, mesmo que possuísse pela pouco mais escura. A negação de que uma mente brilhante não fosse negra era tanta que fizeram pintaram um homem branco como tal.

O racismo estrutural da sociedade brasileira não acabou com a chegada do fim do século XIX, infelizmente também não veio acompanhada do término do século XX, por esse e tantos outros artifícios racistas a discussão de que tal marco na história brasileira não tomou a força necessária nos meios acadêmicos.

A passos lentos essa discussão vem tomando corpo e sendo comprovada temporalmente, mas o cunho popular ainda sim, acredita em uma imagem irreal daquele que foi um dos fundadores da academia brasileira de letras. Autor que hoje tem seu nome usado para elogio.

Sendo mais um dos milhares que foram instrumentos do racismo brasileiro desde seus primeiros passos como nação, Machado teve sua aparência, seu retrato e sua origem étnica escondidos, mas graças ao seu talento e olhar crítico jamais apagado de sua história ou do Brasil.

Portanto, se conduz necessária essa discussão, pois ele assim como o racismo esconderá que mãos negras e miscigenadas estão por toda a construção do Brasil, na literatura com Machado de Assis, na política com Nilo Peçanha, entre outras ilustres personalidades não brancas que quebraram o padrão de seu tempo sendo geniais e fundadores do hoje.

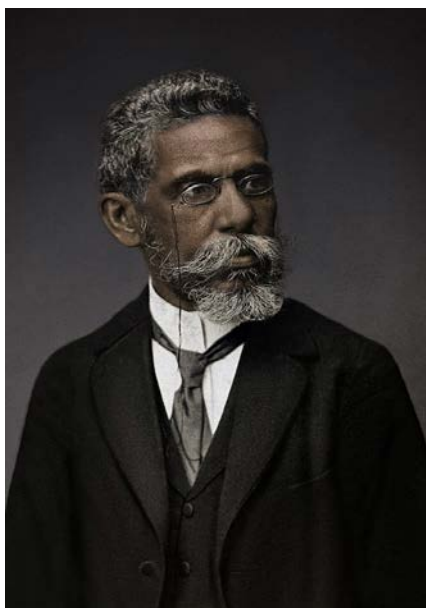


FIGURA 8. Foto clássica de Machado de Assis colorida pela Faculdade Zumbi de Palmares para a campanha “Machado de Assis Real”.

Fonte: Arquivo Nacional (Brasil).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. **Regina Celestino de. Os índios na História do Brasil no século XIX: Da invisibilidade ao protagonismo.** Rio de Janeiro, 2012.

FREYRE, Gilberto. **Vida Social no Brasil nos meados do século XIX.** São Paulo: 1ª Ed. Digital , 2013.

FERREIRA, Alvaro. **Favelas no Rio de Janeiro: nascimento, expansão, remoção e, agora, exclusão através de muros.** Universidad de Barcelona, Vol. XIV, nº 828, 25 de junho de 2009.

LOJKINE, Jean. **O Estado capitalista e a questão urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 1981.

COSTA, Pedro Pereira da Silva; Franco, Afonso Arinos de Mello. **Machado de Assis.** São Paulo: Ed. Três, 1981

FARIA. Maria Dulce de. **MAPAS DO RIO DE JANEIRO.** Portugal, 2015

CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Machado de Assis.** São Paulo, Scipione, 1995.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LEBENSZTAYN, Ieda. (Orgs.). **Escritor por escritor: Machado de Assis segundo seus pares, 1908-1939.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2019

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Dom Casmurro.** Rio de Janeiro, 1994.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Iaiá Garcia.** 2ª Ed. - Porto Alegre, 2008.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Quincas Borba.** São Paulo, 2006.

